

## CONCEITOS LEXICAIS EM *FELICIDADE CLANDESTINA*, DE CLARICE LISPECTOR

### *CONCEPTOS LEXICALES EN FELICIDAD CLANDESTINA, DE CLARICE LISPECTOR*

Julia Danielle dos Santos<sup>1</sup>

Odair José Silva dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto literário, por permitir uma maior liberdade de expressão por meio da escrita, possui em sua construção o uso de recursos como a subjetividade para a construção de sentidos. Tendo em vista que Clarice Lispector, grande representante do movimento modernista brasileiro, realiza tal feito com maestria em seus textos, o presente artigo visa a analisar o conceito de ‘felicidade’ no conto *Felicidade Clandestina*, publicado em 1971 pela autora em obra homônima, utilizando-se para isso dos estudos semântico-cognitivos sobre a subjetivação de Traugott e Langacker, presentes no texto *(Inter)subjetificação na linguagem e na mente*, de Silva (2011). Como resultado, constatou-se que o conceito de ‘felicidade’ no conto é construído subjetivamente com dois sentidos distintos, felicidade enquanto prazer proporcionado pela leitura e felicidade enquanto sadismo.

**Palavras-chave:** Semântica Cognitiva. Conceitos Lexicais. Subjetivação. Felicidade.

**Resumen:** El texto literario, por permitir una mayor libertad de expresión por medio de la escrita, tiene en su construcción el uso de recursos como la subjetividad para la construcción de sentidos. Teniendo en vista que Clarice Lispector, grande representante del movimiento modernista brasileiro, realiza tal hecho con maestría en sus textos, el presente artículo visa a analizar el concepto de ‘felicidad’ en el cuento *Felicidad Clandestina*, publicado en 1971 por la autora en obra homónima, utilizándose para eso de los estudios semántico y cognitivos acerca de subjetivación de Traugott e Langacker, presentes en el texto *(Inter)subjetificación en el lenguaje y en la mente*, de Silva (2011). Como resultado, se constató que el concepto de ‘felicidad’ en el cuento es hecho subjetivamente con dos sentidos distintos, felicidad mientras placer proporcionado por la lectura y felicidad mientras sadismo.

**Palabras-clave:** Semántica Cognitiva. Conceptos Lexicales. Subjetivación. Felicidad.

### Considerações Iniciais

O texto literário, diferente de outros tipos de texto, é marcado principalmente pela potencialidade de criação de sentidos que fornece ao leitor, enquanto textos não literários informam o leitor de forma direta, não dando brechas a interpretações variadas, nem o permitindo construir um sentido a partir do que foi lido, o texto literário permite ao leitor

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu.

<sup>2</sup> Doutorando em Letras pela Universidade de Caxias do Sul, área de concentração “Leitura e Linguagens”; professor assistente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

transcender o que está explícito no texto e mergulhar em seu implícito. Essa relação com o implícito se dá com a construção subjetiva que através de inferências no plano superficial do texto dá abertura à construção de sentidos fora dele.

Nesse contexto, Clarice Lispector<sup>3</sup> (1925-1977), escritora modernista brasileira, apresenta uma produção literária profícua, ao passo que leva seu leitor a “ler” e “interpretar” diferentes facetas do ser humano e seus diferentes conflitos existenciais diante de temas como amor e felicidade.

Em relação a isso, Barbosa e Moraes (2007/2008, p.81) explica que é possível perceber na linguagem literária de Clarice Lispector que “a autora insere-se na própria escrita, fazendo através da linguagem, questionamentos profundos do ser e da palavra, que ultrapassam o cotidiano, o superficial da língua e de seus significados”. Em *Felicidade Clandestina*, texto de Clarice Lispector escolhido como objeto de estudo para este trabalho, por exemplo, é possível, em razão da subjetividade que o permeia, apreender o conceito de felicidade com duas distintas significações: sadismo e prazer pela leitura.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar, sob uma perspectiva da Semântica Cognitiva, que nos permite observar a construção do significado via linguagem, e dos estudos de Traugott (2002) e Langacker (2006) sobre a subjetivação como mecanismo de perspectivação conceitual, a construção do conceito de felicidade no conto clariceano *Felicidade Clandestina*.

Para tanto, iniciaremos contextualizando o conto *Felicidade Clandestina*, sua autora e obra, seguindo, serão apresentados alguns apontamentos acerca da Semântica Cognitiva, conceitos lexicais e subjetivação. Logo após, será realizada a análise do conceito de felicidade no conto e, por fim, serão apresentadas as considerações finais.

### **Do conto *Felicidade Clandestina* à obra clariceana**

*Felicidade Clandestina* (1971), obra que leva o título da crônica em estudo, é um compilado de vinte e cinco contos e crônicas da escritora modernista da geração de 45, “melhor representante da tendência” de prosa de sondagem psicológica, Clarice Lispector

---

<sup>3</sup> Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, Ucrânia, e faleceu no Rio de Janeiro. Foi escritora e jornalista. Cursou Direito, mas não exerceu a profissão, pois a literatura sempre foi sua maior paixão. Seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, foi publicado em 1944. Clarice é considerada a maior representante da prosa intimista da terceira fase do Modernismo brasileiro, autora de contos, crônicas e ensaios.

(FARACO; MOURA, 1993). Alguns dos textos da obra foram escritos para o *Jornal do Brasil*, entre 1967 e 1973, época em que Clarice colaborava como colunista no jornal.

As narrativas de Clarice Lispector variam entre conto e crônica, pois a escritora dizia não se prender a gêneros, se importando, assim, com o que se tem a dizer, ou seja, com o conteúdo de sua escrita, como fica explícito no seguinte fragmento do conto *Máquina escrevendo*<sup>4</sup> (1984), em que, através da fala de uma personagem é possível perceber a postura da autora frente aos gêneros textuais: “Vamos falar a verdade; isto aqui não é crônica coisa nenhuma. Isto é apenas. Não entra em gêneros. Gêneros não me interessam mais. Interessa-me o mistério” (LISPECTOR, 1984 apud RUSSO, 2007).

Além de *Felicidade Clandestina*, os textos pertencentes à obra são *Uma amizade sincera*; *Miopia progressiva*; *Restos do carnaval*; *O grande passeio*; *Come, meu filho*; *Perdoando Deus*; *Tentação*; *O ovo e a galinha*; *Cem anos de perdão*; *A legião estrangeira*; *Os obedientes*; *A repartição dos pães*; *Uma esperança*; *Macacos*; *Os desastres de Sofia*; *A criada*; *A mensagem*; *Menino a bico de pena*; *Uma história de tanto amor*; *As águas do mundo*; *A quinta história*; *Encarnação involuntária*; *Duas histórias a meu modo* e *O primeiro beijo*.

Ao passo que “o objetivo principal da autora é atingir as regiões mais profundas da mente das personagens” (FARACO; MOURA, 1993, p.252), todos os textos de *Felicidade Clandestina* refletem, em sua temática, a tendência moderna da prosa de sondagem psicológica a qual pertencem, pois, a partir de aspectos banais do cotidiano das personagens, como a conversa de uma mãe com o filho enquanto tenta fazê-lo comer ou a leitura de um livro, promovem a reflexão sobre a existência e outros aspectos relativos ao ser, como os sentimentos de amor e felicidade. A crônica *Felicidade Clandestina*, por exemplo, apresenta, a partir de sua leitura, a reflexão sobre o conceito de felicidade, o que é ela e o quanto dura.

Em *Felicidade Clandestina*, a narradora protagonista nos conta uma lembrança de quando era ainda menina e vivia “*a andar pulando*” pelas ruas de Recife, em que uma garota, filha de um dono de livraria, lhe disse possuir o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Tal livro era objeto de desejo da protagonista, portanto, ela o pede emprestado. A dona do livro promete emprestá-lo, o que gera grandes expectativas na protagonista, porém, não o faz, inventando as mais variadas justificativas, por dias

---

<sup>4</sup> Conto pertencente à obra *A descoberta do mundo* (1984), de Clarice Lispector.

seguidos, para não cumprir sua promessa. Até que, certo dia, a mãe da dona do livro descobre o que está acontecendo entre as duas meninas, e horrorizada como a atitude da filha, obriga-a a emprestar o livro à protagonista. Essa, ao se deparar com o livro em suas mãos, entra em êxtase, e passa a criar diversas justificativas para prolongar o tempo com ele, inventando formas de se redescobrir possuidora daquele objeto tão desejado.

Outras características específicas da obra clariceana podem ser percebidas no conto, como o tempo psicológico, pois a narrativa é marcada pelas lembranças da protagonista; “as ações, quando ocorrem, servem para ilustrar características psicológicas das personagens” (FARACO; MOURA, p. 253, 1993), como, por exemplo, a atitude da garota dona do livro de Monteiro Lobato em enganar por dias a protagonista da narrativa; “o espaço exterior tem importância secundária, pois a narrativa concentra-se no espaço mental das personagens” (FARACO; MOURA, p. 253, 1993); “muitas personagens não apresentam sequer nome” (FARACO; MOURA, p. 253, 1993), as personagens protagonista e antagonista são representadas pelos pronomes *eu* e *ela*, respectivamente; outra característica é, de acordo com Faraco e Moura (1993; 253), a descoberta de um fato inusitado que muda para sempre a vida da personagem principal, a descoberta de “sua verdade”, no conto, a protagonista ao se ver possuidora do livro e criando formas de prolongar seu contato com ele, descobre que para ela a felicidade era algo clandestino, que foge da normalidade, que precisa manter-se escondido para que não acabe.

A seguir, serão apresentados alguns apontamentos sobre a Semântica Cognitiva para embasar teoricamente a análise do conceito de felicidade a partir do conto clariceano que se dará posteriormente.

### **Apontamentos sobre Semântica Cognitiva, conceitos lexicais e subjetivação**

A Semântica Cognitiva pode ser vista como uma das áreas da Semântica, ciência “que se dedica a examinar a significação” (HENRIQUES, p.32, 2011). Ou, ainda, nas palavras de Iagallo (2015, p.17), estuda “a forma como o conhecimento é representado na nossa mente – sistema conceitual – e a forma como o significado é construído via linguagem – conceituação”. Para nossa investigação interessa-nos esta última abordagem, pois buscaremos observar como é construído o conceito por meio da linguagem.

Ao longo da vida, tudo o que vivenciamos em relação ao mundo constitui nosso sistema de conhecimento que, dentro da Semântica Cognitiva, é conhecido como sistema

conceptual. Por ser conceptual, esse sistema é formado e categorizado pelas “ideias que temos das coisas e de suas formas de existir no mundo” (IAGALLO, p.18, 2015), ou seja, é estruturado na cognição por meio de conceitos. Nesse âmbito, Iagallo (2015) explica:

o homem experimenta o mundo com seu corpo, com sua estrutura cerebral, com suas emoções e desejos, com sua língua, etc., e dessa interação formam-se sistemas conceituais que, quando conceitualizado via língua, geram textos, que são formas repletas de significados estruturados (IAGALLO, p. 22, 2015).

A partir disso, é interessante abordarmos algumas reflexões sobre o significado lexical. De acordo com Silva (2010), o significado linguístico é dinâmico e flexível, dessa forma, é impossível determinar quantos significados há em uma palavra, pois elas se adaptam ao contexto, assim, a variabilidade e a mudança de significado são inevitáveis, portanto, não existem significados “essenciais”. Essa flexibilidade ocorre, segundo Silva (2010, p.34), pois “o significado tem que representar o mundo e esse mundo é uma realidade em mudança”.

Portanto, considerando a característica polissêmica do significado, percebe-se que, semanticamente uma palavra não é um saco de sentidos, mas um potencial de significação. Assim, cabe-nos agora refletir sobre os possíveis mecanismos cognitivos de associação de sentidos.

Metáfora e metonímia, especialização e generalização são mecanismos básicos de mudança semântica e polissemia. De acordo com Silva (2010, p.36),

enquanto a metáfora envolve uma projeção de um domínio da experiência noutro distinto na base de uma relação mental de semelhança figurativa (por exemplo, a passagem do domínio da viagem para o domínio da vida), a metonímia envolve uma projeção dentro de uma matriz de domínios na base de uma relação mental de contiguidade (por exemplo, a passagem do subdomínio da pessoa Fernando Pessoa para o subdomínio de sua produção literária) (SILVA, 2010, p. 36).

Já a especialização e a generalização “são relações hierárquicas de, respectivamente, subordinação e superordenação semânticas” (SILVA, p.36, 2010). Por outro lado, a inferenciação desencadeada e a subjetivação podem ser consideradas mecanismos de perspectivação conceitual. Porém, antes de adentrarmos no conceito de subjetivação, é importante ressaltar a definição de subjetividade enquanto termo científico. Segundo Silva (2010, p.95), a subjetividade “designa a propriedade do que não é fundamentado em fatos empíricos ou do que não é verificável nem comprovável”, por essa razão, por muito tempo, enquanto perdurava a visão objetivista nos estudos linguísticos, tendo como concepção de linguagem a noção de uma faculdade autônoma e de pensamento

como algo desvinculado da experiência e do contexto, a subjetividade não tinha relevância para os estudos da linguagem.

Porém, com o surgimento e os avanços das áreas da Linguística Cognitiva e da Linguística Funcional, a subjetividade passou a ser um dos temas centrais dos estudos da linguagem, isso se deu, também, com a contribuição de Benveniste que, anteriormente, já se dedicava a investigar a subjetividade e a relevância do locutor na enunciação. De acordo com Silva (2010, p.96), com Benveniste teve-se o reconhecimento de que a linguagem é impregnada pela subjetividade, assim, “toda a língua é subjetiva e intersubjetiva por natureza”. Nas palavras de Silva (2010), subjetivação e intersubjetivação são

processos de perspectivação conceitual e mudança de significado no sentido de um maior envolvimento do conceitualizador/locutor, pela intromissão da sua perspectiva ou atitude (subjetivação), ou no sentido de maior saliência da relação entre locutor e interlocutor (intersubjetivação) (SILVA, p.93, 2010).

Sobre a subjetivação e a intersubjetivação, há duas abordagens principais dentro dos estudos linguísticos: uma abordagem funcionalista, que dá atenção à dimensão pragmática da subjetivação, desenvolvida por Traugott e, uma abordagem cognitivista, de Langacker, que “entende a subjetivação em termos de perspectivação e como um processo de atenuação da concepção objetiva de uma entidade ou situação” (SILVA, p.94, 2011).

A subjetivação para Traugott, de acordo com Silva (2011), é um mecanismo de mudança semântica que ocorre de forma gradual através de inferências do locutor no texto:

Traugott (1989, 1995, 1999, 2003, 2010) entende a subjetivação como um processo de mudança semântica pelo qual significados que descrevem uma situação externa passam a indicar perspectivas, atitudes e crenças do locutor em relação a essa situação. Por outras palavras, a subjetivação ou interiorização progressiva do significado conduz daquilo que se diz àquilo que se quer dizer e constitui o tipo principal de mudança semântica (TRAUGOTT & DASHER, 2002 apud SILVA, 2011; 96).

E, para Langacker, como apresenta Silva (2011, p. 98), salientando o processo de conceituação envolvido, focaliza

a perspectiva ou arranjo de visão na relação assimétrica entre sujeito observador/conceituador e objeto observado/conceituado. Uma entidade ou situação é objetivamente construída na medida em que é colocada “dentro de cena” e vista do exterior, como foco de específico de atenção, como objeto de per/concepção; é subjetivamente construída na medida em que permanece “fora de cena”, como sujeito não consciente de si mesmo e implícito de per/concepção (LANGACKER, 2006 apud SILVA, 2011; 98).

Assim, a subjetivação é, para Langacker:

o processo pelo qual uma entidade passa de ‘objeto’ a ‘sujeito’ de per/concepção e, conseqüentemente, o conceituador/locutor (ou um outro elemento do ato de fala) deixa de ser um observador/elemento externo e passa a fazer parte do conteúdo de conceituação (SILVA, p.98, 2011).

Portanto, percebe-se que, ambas as perspectivas são complementares, fica claro que, tanto para Traugott quanto para Langacker, por meio das inferências desencadeadas dentro do texto é possível conceituar algo que está implícito, ou seja, através da postura do locutor refletida na linguagem é possível apreender o que está subjetivamente exposto no texto, fazendo com que o que está “fora de cena” torne-se perceptível, passível de conceituação.

Este estudo tem por objetivo observar como as inferências desencadeadas pelo locutor tornam perceptíveis dois significados distintos para um mesmo conceito lexical, e um deles se mostra de forma implícita, assim, a construção conceitual se dará também de forma intersubjetiva, visto que a conceituação do objeto observado não se dá apenas por meio das inferências do locutor/enunciador, mas, também, da relação deste com o interlocutor, ou seja, através da coordenação intersubjetiva, inferências do locutor somadas à decifração do interlocutor resultam na estruturação conceitual do objeto observado.

### **Analisando o conceito ‘felicidade’ em *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector**

Nesta seção buscaremos apresentar o conceito de ‘felicidade’ no conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, com dois sentidos distintos, FELICIDADE É PRAZER PELA LEITURA e FELICIDADE É SADISMO<sup>5</sup>. Primeiramente apresentaremos as inferências textuais que resultam no conceito de felicidade enquanto prazer proporcionado pela leitura, que se mostra, em um primeiro momento, através da paixão da protagonista pela leitura, em seguida pelo seu desejo de possuir o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, e por fim, através da descrição de seu contato com o livro. A seguir, apresentaremos as inferências desencadeadas que, subjetivamente, constroem a perspectivação do conceito de felicidade enquanto sadismo, que se mostra através das atitudes da antagonista descrita pela narradora protagonista.

Visto que a narradora é também a personagem principal, a narrativa é, então, construída sob seu olhar, as descrições contidas no texto são todas a partir de seu ponto de vista, como ocorre, segundo Gancho (2002, p.29) ao citar exemplos de narrador

---

<sup>5</sup> Em Semântica Cognitiva, utilizamos versalete para designar conceitos.

protagonista, em “*Dom Casmurro*, de Machado de Assis, célebre por dar sua versão sobre a possível traição de Capitu, seu grande amor”.

Assim, é possível perceber a ocorrência do processo de subjetivação enquanto mecanismo de perspectivação conceitual, pois durante toda a narrativa há a intromissão da perspectiva da narradora em relação aos fatos que desencadearão os distintos conceitos de felicidade.

Já no início da narrativa a protagonista começa a inferir que a leitura, para ela, representava a FELICIDADE, pois lhe proporcionava o prazer de apreciar diversas histórias, como é apresentado no trecho em que diz que a antagonista era filha de um dono de livraria, e que esse seria o maior desejo de uma criança apaixonada por histórias: “Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria”.

Outra inferência realizada pela narradora demonstrando o prazer que a leitura lhe proporciona é realizada no trecho em que ao saber que a filha do dono da livraria possuía o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, a protagonista transforma-o em seu objeto mais desejado, explicitando que deseja apreciá-lo como um alimento que sacia a fome e traz prazer ou o sono que lhe permite sonhar: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses”.

Nesse caso, FELICIDADE É PRAZER PELA LEITURA, já que a representação pelo prazer proporcionado pelo ato de ler se mostra, ainda, quando, enfim, a menina que sofria por não possuir o livro o consegue, graças à mãe que descobre “a potência de perversidade de sua filha” e concede à protagonista o direito de permanecer com o livro pelo tempo que quisesse: “eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão”. Ao conseguir o livro, a garota se demonstra tão feliz a ponto de não querer que o momento acabe, portanto, protela sua leitura, o esconde e o reencontra para viver o prazer de possuí-lo outras vezes: “fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter”, faz, assim, de sua felicidade algo clandestino que não pode ser descoberto para que não acabe: “criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade”.

Ainda verificando a FELICIDADE É PRAZER PELA LEITURA, e se relacionando com o sentimento clandestino que a protagonista sentia, a felicidade se mostra, ao fim da crônica, assemelhada ao prazer de uma relação entre amantes, como pode ser observado nesses últimos parágrafos clariceanos: “Às vezes sentava-me na rede,

balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase, puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”. Nesse momento também percebemos a ‘felicidade’ ligada ao momento epifânico que transfigurou a personagem narradora de menina em mulher.

Já a construção conceptual FELICIDADE É SADISMO é demonstrada quando, de acordo com a narradora protagonista, para sentir-se superior a ela, a filha do dono da livraria, ao ver que possuía o livro, objeto de desejo da protagonista, notou a oportunidade de causar-lhe sofrimento e inferiorizá-la, transformando a posse do livro em poder: “Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia”.

Outra inferência dessa felicidade sádica apresenta-se na satisfação em torturar o outro que a antagonista sente, percebida quando a protagonista descreve o plano da filha do dono da livraria como “tranquilo e diabólico”, “tranquilo” visto que praticou a tortura com a colega, através do livro, várias vezes, por dias seguidos, como se pode perceber no trecho: “E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso”.

A partir do que foi levantado, percebe-se que no conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, é construído o conceito de felicidade com dois sentidos diferentes, e que, o primeiro, enquanto prazer é demonstrado de maneira mais explícita que o segundo, visto que, a perspectivação conceitual deste ocorre por meio do processo de intersubjetivação de Langacker, pois envolve a participação do leitor para a construção de sentido, enquanto que, aquele ocorre principalmente pela intromissão do locutor/conceituador no texto com suas inferências. Percebe-se também, que o conceito de felicidade em ambos os sentidos é construído de forma progressiva, explicitando o que Traugott afirma em sua teoria, porém, aqui, não ocorre o processo de mudança semântica, mas sim a perspectivação conceitual, explicitando, por outro lado, o que é demonstrado a partir dos estudos de Langacker, visto que se trata de trazer para “dentro da cena” algo que estava “fora” ou trata-se de tornar explícito o que estava implícito, demonstrando o conceito que estava codificado com as inferências do locutor.

## Considerações finais

Os estudos realizados até aqui permitiram observar que a construção conceitual de felicidade dentro do conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, ocorre sob a perspectiva da subjetivação de Traugott e Langaker, como Silva (2010) afirma, apesar de possuírem suas especificidades, as teorias dos dois estudiosos são complementares, o que foi possível perceber, também, por meio da análise do conto, visto que aspectos de ambas as teorias foram utilizados para observar o mesmo aspecto conceitual dentro do texto.

A possibilidade de o conceito de felicidade ser construído sob duas perspectivas conceituais distintas envolvendo diferentes sentidos se dá em razão da ausência de “essencialidade” do significado, pois a palavra, sendo um potencial de significação, é conceitualmente flexibilizada a fim de se enquadrar nos mais variados contextos de significação.

Explorar a língua transcendendo significação superficial dada na estrutura do texto é uma das maiores características do texto literário e Clarice Lispector faz isso com maestria, visto que através de inferências dadas no texto possibilita que o leitor se relacione subjetivamente com a linguagem e construa significados. E em *Felicidade Clandestina*, isso é realizado de forma a fazer com que leitor reflita sobre as várias faces de um mesmo conceito.

Portanto, o estudo realizado contribuiu para que se perceba a riqueza linguística do texto literário em relação à possibilidade de construção de sentidos, além de mostrar o texto literário modernista, período literário a qual pertence a escritora Clarice Lispector, como um valioso objeto de estudo da linguagem em seu uso, visto que tendo como uma de suas características a linguagem aproximada da linguagem coloquial em seu estado real de uso, permite-nos observar como cognitivamente produzimos conceitos e significações nos atos de fala.

## Referências

BARBOSA, Vânia Maria Castelo. DE MORAES, Vera Lucia Albuquerque. *A Linguagem de Clarice Lispector como desautomatização da vida*. Revista de Letras UFC – Universidade Federal do Ceará, nº 29, vol. 1/2, 2007/2008. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl29Art09.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2016.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre a palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

IAGALLO, Patricia Ormastroni. *Cognição e conceptualização do tempo: o processo da significação do tempo linguístico de alguns enunciados em língua portuguesa*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista “Julho de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em: [http://wwws.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica\\_lingua\\_portuguesa/3518.pdf](http://wwws.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/3518.pdf). Acesso em: 02 de novembro de 2016.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Disponível em: <http://lelivros.me/book/baixar-livro-felicidade-clandestina-clarice-lispector-em-pdf-epub-e-mobi/>. Acesso em: 20 de outubro de 2016.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1991.

RUSSO, Conceição da Silva Zacheu. *O discurso da felicidade em contos de Clarice Lispector*. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp040502.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2016.

SILVA, Augusto Soares da. *(Inter)subjetificação na linguagem e na mente*. Revista Portuguesa de Humanidades, n° 15, vol.1, p. 93-110, 2011. Disponível em: [http://www.rphumanidades.braga.ucp.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=146%3A151-intersubjetificacao-na-linguagem-e-na-mente&catid=4&Itemid=12&lang=pt](http://www.rphumanidades.braga.ucp.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=146%3A151-intersubjetificacao-na-linguagem-e-na-mente&catid=4&Itemid=12&lang=pt). Acesso em: 30 de outubro de 2016.

SILVA, Augusto Soares da. *Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade*. Revista Cadernos de Letras da UFF- Universidade Federal Fluminense – Dossiê: Letras e Cognição, n° 41, p. 27-53, 2010.

FARACO, Carlos Emílio. MOURA, Francisco Marto de. *Língua e Literatura*. Vol. 3, 21 ed. São Paulo: Ática, 1993.